

## **Em nossas aulas de Arte o lúdico pelo lúdico não cabe: A ludicidade, a imaginação e a fantasia devem torna-se Corpo**

Robson Rodrigo MARQUES JÚNIOR (UEMS – Campo Grande)<sup>1</sup>  
Lana Luiz Batista FIGUEIRÓ (UEMS – Campo Grande)<sup>2</sup>  
Coautor: Christiane Guimarães de ARAÚJO (UEMS – Campo Grande)<sup>3</sup>  
Coautor: Keyla Andrea Santiago OLIVEIRA (UEMS – Campo Grande)<sup>4</sup>

### **Eixo 8 – Relatos de Experiências**

**Resumo:** O presente relato de experiência, versa sobre a ludicidade, a fantasia e sobre a imaginação dentro das aulas de arte de dois estagiários que atuaram em duas escolas (ensino infantil e ensino fundamental 1) do município de Campo Grande em Mato Grosso do Sul no ano de 2018, este trabalho foi concebido a partir das experiências vivadas pelos estagiários, somado aos estudos de Constantin Stanislavsky (2016), Jussara Miller (2005) e Márcia Strazacappa (2001). Todo trabalho foi escrito também de maneira lúdica, ancorado nos pressupostos da escrita poético-científica a partir de Ciane Fernandes (2008). Os autores, caro leitor, convidam-no para juntos realizarem uma viagem no tempo, levando-o há um futuro não muito distante, onde recordam com carinho a maneira que conduziram e regeram suas aulas dentro da disciplina de estágio supervisionado I no curso de Licenciatura em Artes cênicas da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade de Campo Grande, ressaltando a trajetória desenvolvida dentro do estágio supervisionado curricular I para que fosse possível realizar um trabalho lúdico que tivesse também um aprofundamento em um trabalho corporal, trabalhando para uma não dicotomização do corpo, mas sim, considerando o corpo como um corpo soma, onde imaginação e movimento comungam-se em um único exercício didático. Se estiver interessado em acompanhar o pensamento destes autores sobre o tema deste trabalho, peço para que aperte os cintos, pois a viagem vai começar....

**Palavras Chave:** Imaginação; Fantasia; Ludicidade, Aula de arte; experiência

### **Introdução**

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Licenciatura em Artes Cênicas - robsonr.marx@gmail.com - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UUCG

<sup>2</sup> Discente do curso de Licenciatura em Artes Cênicas - laanafg@gmail.com - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UUCG

<sup>3</sup> Docente do curso de Licenciatura em Artes Cênicas chris.araujo@yahoo.com.br – Docente – Universidade estadual de Mato Grosso do Sul

<sup>4</sup> Docente do curso de Licenciatura em Artes Cênicas keylaandrea@yahoo.com.br – Docente – Universidade estadual de Mato Grosso do Sul

**Ribeirão Preto – SP, 30 de agosto de 2028**

Querida Lana,

Uma grande saudade sucedeu em meu peito, este ano completa-se dez anos do início de nossas vidas como docentes, isso posto, começo um devaneio sobre nossas aulas realizadas há dez anos atrás dentro da disciplina de estágio supervisionado I, e passo a questionar-me sobre o que devo escrever, percebo que há uma infinidade de coisas que gostaria de ressaltar nestes escritos, entretanto sei que devo dar um foco, mas como dar um foco quando a experiência que obtivemos foi tão rica e diversificada? Quero começar a lhe escrever de maneira clara e objetiva, mas não sei por onde começar. Para tentar dar foco nestes escritos, decido pegar o meu diário de bordo, entre dinâmicas folheadas me deparo com a aula do dia décimo sexto dia do quarto mês, o tema de nossa aula era Imaginação e exatamente um mês depois trabalhamos o mesmo tema na segunda escola que atuamos com o fundamental um, você se lembra? Observado o diário percebo que a ludicidade estava presente em quase todas as aulas, pois, assim como já estudamos,

A palavra lúdico vem do latim ludus e significa brincar. A atividade lúdica surgiu como nova forma de abordar os conhecimentos de diferentes formas e também uma atividade que favorece a interdisciplinaridade. O lúdico é reconhecido como elemento essencial para o desenvolvimento das várias habilidades em especial a percepção da criança. Refere-se a uma dimensão humana que evoca os sentimentos de liberdade e espontaneidade de ação. (SANTOS, 2012, p.3)

Entretanto acredito que o lúdico pelo lúdico não contemplava e não contempla a disciplina de artes, pois como nos contou Santos (2012,p.4) a ludicidade “Abrange atividades despreziosas, descontraídas e desobrigadas de toda e qualquer espécie de intencionalidade ou vontade alheia. É livre de pressões e avaliações. ” E bem sabemos que o ensino de artes deve estar ancorado na emancipação criativa do aluno, para que ele possa ser um sujeito autônomo de seu corpo, e de suas ideias, bem como possibilitar a este aluno um conhecimento sobre os ofícios das artes e as diversas matrizes que tangem o processo de criação de uma obra sendo assim há uma pretensão, nosso intuito nunca foi entretê-los, mas sim facilitar a descoberta do seu potencial criativo e no caso das aulas anteriormente mencionadas a imaginação e até mesmo da fantasia.

Uma vez nos foi apresentado por Stanislavsky (2016) e de maneira muito clara ele definiu o que é imaginação e fantasia, chamou de imaginação a capacidade do sujeito de criar coisas e/ou situações que possam existir e/ou acontecer, e a fantasia é a capacidade da inventividade do sujeito, quando criamos coisas e/ou situações que não existem, nunca existiram e talvez, nunca vão passar a existir. Valendo-nos da técnica “*Se mágico*” proposta por Stanislavsky (2016) acredito que foi possível ainda que em poucos momentos de aula, trabalharmos a fim de potencializarmos a capacidade imaginativa e inventiva dos alunos que nos foram confiados, e o que mais me deixa contente foi que conseguimos fazer com que a imaginação se tornasse corpo, junto com os alunos trouxemos a ideia para o nosso grande conjunto de partes chamado corpo. Isso posto, proponho que façamos um diálogo ancorado nestas questões, ou seja, que tratemos da relação de corpo, fantasia e imaginação, uma vez que tais relações foram o ponto alto de nossas aulas, mas isso lhe escreverei mais para frente.

Atenciosamente

Robson Marques

## **Desenvolvimento**

**Campo Grande – MS, 01 de setembro de 2028**

Caro Robson,

Saiba que a saudade não é só sua, também sinto saudades de você, bem como de nossas aulas, era bom dar aula em dupla era muito mais fácil de prendermos a atenção da turma, lendo seus escritos me recordo que durante as observações e regências sempre foi nítida a negação dos corpos dentro da sala de aula. Estes gritavam "socorro, estou preso, amarrado" ou "por favor, me tire daqui" se voltaram contra as formas rígidas de educação, fazendo aquilo que foi apelidado de bagunça. Existem, também, aqueles que acostumados, ensinados a gostar ou com medo lidam cotidianamente sem relutar toda esta anestesia.

Ao longo de nossa formação acadêmica, despertamos para importância do tornar corpo. Entendemos que toda educação é corporal e toda a aula é

corpo. Ao contrário do que nos foi ensinado *guela* abaixo, assim como está sendo ensinado aos alunos de hoje, em sua maioria. Strazzacappa (2001, p.79) Discorre muito bem sobre isso, veja:

Fica claro que a questão da educação corporal não responsabilidade exclusiva das aulas de educação física, nem de dança ou expressão corporal. O corpo está em constante desenvolvimento aprendizado. Possibilitar ou impedir o movimento da criança e do adolescente na escola; oferecer ou não oportunidades de exploração e criação com o corpo; despertar ou reprimir o interesse pela dança no espaço escolar, servir ou não de modelo... de uma forma de outra, estamos educando corpos. Nós somos nosso corpo. Toda educação é educação do corpo. A ausência de uma atividade corporal também é uma forma de educação: A educação para o não-movimento - educação para a repressão. Em ambas as situações, a educação do corpo está acontecendo. O que diferencia uma atitude da outra é o tipo de indivíduo que estaremos formando. Cabe agora a cada um de nós fazer a reflexão.

Nossas aulas, então, sempre foram montadas visando os corpos dos alunos. A ludicidade se fez presente muitas vezes nos métodos de ensino, principalmente na educação infantil e nos primeiros anos do fundamental I, com o intuito de cativar o aprendizado de diferentes conteúdos e disciplinas trazendo-os perto das crianças, tornando mais acessível a sua linguagem ou afim de instigar a imaginação dos pequenos, aumentando sua capacidade imaginativa.

Entretanto, o lúdico, muitas vezes se encontra submisso somente ao campo imagético, e por suas amarras a escola não permite a potencialização corporal da imaginação. O foco em questões externas que continuam externas a ele mesmo, não trabalhando de maneira somática a imaginação para a inventividade. O corpo, por si mesmo é cheio de possibilidades, traz saberes outros do que os já estimulados tradicionalmente na educação. O lúdico pode vir do corpo para si mesmo, como Jussara Miller (2005) apresenta: "No processo lúdico, o corpo é despertado, desbloqueado causando transformações nos padrões de movimento." (p.60)

No mais me despeço, porém antes gostaria de ressaltar a minha infinita ansiedade para os nossos próximos escritos

Grata

Lana Figueiró

**Ribeirão Preto – SP, 10 de setembro de 2028**

“Talvez a arte, mais especificamente o corpo do teatro, da dança e da performance, enquanto corpo-subjétil, recriem um outro tempo e um outro espaço. Mas o que significa recriar um outro tempo, outro espaço? Seria uma mera metáfora? Obviamente, quando dizemos que o corpo-subjétil cria um outro tempo e um outro espaço não queremos dizer que ele tem a capacidade de diminuir ou acelerar a pulsação temporal no seu relógio de pulso ou que o espaço ao redor desse corpo-subjétil se expanda ou se comprima mecanicamente transgredindo as funções matemáticas espaciais e físicas.” (FERRACINI, 2007. p.11)

Querida Lana,

Como já lhe disse a imaginação foi o fio condutor das aulas e acredito que por meio dela os alunos passaram a recriar o tempo e o espaço, alterando a sala de aula por meio de sua própria imaginação. No livro a preparação do ator Stanislavsky (2016) nos conta no capítulo primeiro onde trata da imaginação, sobre a técnica do “se mágico” e ressalta as possibilidades que a utilização desta técnica traz aos corpos que a experienciam. As aulas propostas no ensino fundamental I e no ensino infantil onde tratamos da imaginação, foram ancoradas na ideia que nos foi apresentada anteriormente por Stanislavsky (2016, p.135) “Sabem agora que devemos abordar uma peça a partir do “se”, que serve de chave para nos fazer passar da vida de todos os dias para o domínio da imaginação”. Seguindo esta ideia, colocamos assim o “se” em nossas aulas onde a imaginação era o foco.

Buscamos conduzir nossos alunos ao domínio de suas imaginações, a grande questão por nos levantada foi: “E **se** fossemos a uma grande festa? ” Rapidamente a preparação por nossos alunos começou, os mesmos ficaram engajados com a preparação que por nos foi conduzida, e a imaginação foi principal ferramenta para que alcançassem o êxito na lição proposta. Conseguimos alterar a realidade e o tempo naquelas salas de aula, um local comum que outrora era um espaço físico “limitador”, com cadeira enfileiradas, lousa, ventiladores, etc. logo se tornara diversos locais, tais como: salões de

festas, castelos, baladas entre vários outros. Você se lembra que á medida que os alunos davam asas a sua imaginação, era possível notar novas configurações atitudinais e corporais que se apresentavam nos corpos daqueles pequenos sujeitos, alterando assim suas posturas físicas, seus deslocamentos, e por meio de todas essas (re)configurações era possível notar pela maneira em que os alunos olhavam para o espaço que tudo que ali estava (re)significado.

Após o nosso êxito na primeira proposta no ensino fundamental I, desejamos trabalhar o mesmo tema com o ensino infantil, sendo assim, mais uma vez nos valem metodologicamente da técnica do “se mágico”. Com os pequenos (não que os outros fossem grandes) a sala de aula se transformou em uma grande floresta, com distintas árvores, por meio da imaginação os pés dos alunos se tornaram grandes e fortes raízes, as pernas e o tronco se transformaram no tronco da árvore, os braços e o pescoço grandes galhos, as mãos, a cabeça e cabelos se tornaram folhas. Você se lembra como foi linda a maneira em que inocentemente, nem tão inconsciente assim, os alunos manipulavam o peso, a fluência de acordo com que o imaginado vento balançava os galhos e folhas, e também como eles nos surpreenderam ao nos apresentar uma tonificação muscular perfeita de acordo com a proposta do exercício.

Relembrando tudo isso, percebo quem em nossas aulas não existiu o “de mentirinha” o ou um simples “faz de conta”, que, pelo que percebo pode ser facilmente associado á técnica do “se mágico”, vale ressaltar que sempre postulamos que técnica que usamos em nossas aulas nunca buscou trabalhar com relações rasas no campo da imaginação, mas sim extrair por meio da imaginação algo profundo e carregado de sentidos tanto para nós como docentes, quanto para os alunos que experiênciam os exercícios, bem como para aula como um todo. Dentro das aulas, como já lhe disse nas linhas anteriores, manipulamos e/ou por um momento modificamos verdadeiramente por meio da imaginação a realidade do espaço-tempo. Claro que isso como nos aponta Ferracini (2007) não deve ser observado pela física clássica, mas essa transposição da realidade acontece pelo macro e micropcepções que ocorrem no corpo em estado cênico.

“Para falarmos de outro tempo-espaço no corpo-subjétil teremos que falar de micropcepções, microafetações, teremos que falar desse universo microscópico sobre o trabalho do performer. Falemos,

então, dessas microvibrações perceptivas e afetivas que recobrem a macro estrutura de uma ação, de um espetáculo, de um corpo-subjétil.  
” (FERRACINI, 2007, p.11)

Como sabemos pela leitura de Ferracini, sua ideia e corpo-subjétil está pautada em um trabalho árduo do artista cênico a ponto realizar tal feito, mas creio que em nossas aulas esse novo estado de tempo foi alcançado por meio do estímulo da imaginação que resultou em um estado corporal diversificado do cotidiano. Os nossos alunos saíram de um espaço tempo que nos é diariamente determinado e passaram a habitar um espaço tempo recriado pela própria ação que estes executavam de acordo com o que se passava no campo de suas imaginações.

Espero que estes meus escritos despertem a sua memória para que juntos possamos construir uma narrativa a partir da vivência rica que tivemos no estágio, no mais me despeço.

Com carinho,

Robson Marques

**Campo Grande – MS, 22 de setembro de 2028**

Meu querido amigo Robson,

Ao tocar neste assunto durante nossas cartas percebo que muito aprendemos durante o estágio, obviamente que nem tudo fora perfeito. Afinal o estagiário é a prova viva de que não é fácil, o que não diminui em nada todo o aprendizado e experiências que ocorreram durante este período. Com toda a insegurança do caminho que só começamos a trilhar naquela época era suprida pela afetividade das crianças com a ausência de estímulos corpóreos no ambiente escolar, toda alegria produzida no momento em que seus corpos eram incentivados á investigação e experimentação, o resultado deste estímulo, era projetado em nós, reverberavam em longos abraços e números cartinhas de amor e agradecimentos. Enquanto lhe escrevo sinto vontade de dizer, sou eu quem agradeço a eles pela experiência vivida, e que todo esse amor projetado em nós, é amor pela possibilidade da liberdade de movimento e experiência criativa que buscamos trabalhar em nossas aulas!

Em todas as aulas recorreremos ao imagético, porém algumas delas se fazem lembradas até hoje, não só por mim acredito, mas por você também. Uma delas, pela abordagem teatro, fora o preparo de uma grande festa. Construímos juntos atmosfera da festividade que iria ocorrer naquele espaço.

Estimulamos o aluno a (re)conhecer o próprio corpo, para ele poder fazer a transformação gradual de ausência corporal para presença corporal, ou melhor, da "dormência" para "o acordar". Esta transformação se dá por meio do despertar dos cinco sentidos, através dos quais nos relacionamos com o mundo e, a partir dos mesmos, desenvolver o sentido cenestésico, "que podemos chamar de sensação de que tudo está correto. (VIANNA, 1990, p. 95 apud MILLER, 2005, p. 62)

Obviamente, partimos do corpo-imaginação para construção da presença e assim prosseguimos com a aula.

Quando a percepção do próprio corpo é ativada, o que existe é a aula e os conhecimentos que podemos construir com todos os corpos presentes, nada além disso, temos todas as possibilidades. À priori, o exercício aparentemente simples e que anteriormente fora experienciado por nós em nossa companhia teatral durante o nosso ofício como atores antes de levarmos a sala de aula não se comparou aos lugares que os alunos de terceiro ano do fundamental I alcançaram neste exercício. Os lugares onde os alunos chegaram por meio deste exercício foram bem melhores do que imaginamos anteriormente.

O exercício que foi dado e conduzido por nós, consistia na preparação do aluno para uma grande festa, que deveria ser pensada em todos os detalhes, "qual roupa eu visto? ", "quais cores esta roupa tem? ", "quais são os sapatos que calço ", "Como me locomovo até a festa? ", "como é este espaço onde a festa acontece? " Até que a grande festa à qual todos te esperavam finalmente começa. Os pequeninos ampliaram as possibilidades e quando percebemos a proporção da festa da sala de aula nós olhamos com sentimento de orgulho e realização. Com direito a tapete vermelho, funções como DJ, garçom e garçonetes, as danças das festas eram como se todos ouvissem, a mesma música, de fato ouviam, mesmo sem nada tocando. Aquele momento era aqui e agora, só aquilo existia.

Para nós essas aulas foram momentos de realizações e espero que tais realizações nos acompanhem por toda a vida discente, espero te ver em breve.



Ou melhor, vamos nos encontrar? Sei que estará por Campo Grande, sendo assim exatamente daqui um mês te encontro onde nos encontramos pela primeira vez, no local onde o sol de põe e o céu torna-se multicolorido, no mesmo horário de sempre, espero que não tenha esquecido dos detalhes, estou e ansiosa por este encontro.

Com saudades

Lana Figueiró

## **Conclusão**

Estimado Leitor,

Antes de mais nada gostaríamos de agradecer-lo pela viagem que você fez conosco e foi uma honra dividir lembranças com você, mas a viagem chegou ao fim, estamos novamente em 2018 ou no ano em que você está lendo este trabalho. De maneira poético-científica escrevemos este relato, a fim de levar você querido leitor a uma viagem em um tempo que ainda não existe, o intuito destes escritos foi estimular você a ler sobre a imaginação a ludicidade e sobre a fantasia de maneira imaginativa e lúdica, vivemos tempos tão duros que é importante nos valermos desta nossa capacidade imaginativa e fantasiosa para alterar ainda que por pouco tempo a nossa realidade, mas claro sem deixar se perder o caráter científico que um trabalho acadêmico deve ter, e não só um trabalho mas, bem como a própria aula de arte. De acordo com tudo que colocamos acima, podemos concluir que a disciplina de arte tem suas particularidades, e que tais particularidade podem levar o aluno a diversos lugares imaginativos e criativos. É triste que o lugar da arte ainda seja negado nas escolas, e nesta negação destaca-se as artes corporais (teatro e dança), espero que em 2028 as coisas estejam melhores para a nossa área de atuação dentro da escola, pois sabemos quão potente ela é.

Ancorados em nossas experiências em sala de aula, cujo fora apresentada neste artigo, podemos afirmar que o conteúdo deve ser filtrado e pensado sempre, para que nossas aulas não fiquem ancoradas na livre expressão como já foi anteriormente

A concepção de livre expressão vincula-se histórica e ideologicamente ao Modernismo, pois enfatiza a visão pessoal como interpretação da realidade, a emoção como o principal conteúdo da expressão e a busca do novo, do original como o ideal a ser alcançado. Disso resultou, segundo os críticos dessa concepção, em uma defasagem entre Arte produzida no período e a Arte ensinada nas escolas. (RIZZI, 2008, p.66)

Desejamos que todo conteúdo colocado em sala de aula fomentem uma mudança no pensar no fazer e no sentir de nossas crianças, ampliando seus sentidos e estimulando sua criatividade, a fim de termos adultos, mais sensíveis e compreensíveis, que conheçam e reconheçam a potencialidade seus corpos em toda sua complexidade (intelecto, motricidade, sensações e fisiologia e emoções).

No mais nos despedimos

Atenciosamente,

Robson Marques e Lana Figueiró

## REFERÊNCIAS

### Capítulo de livro

FERRACINI, Renato. **O corpo-subjétil e as micropercepções– um espaço-tempo elementar**. In MEDEIROS, M.B: et al.(Orgs). Tempo e performance. Brasília, Ed. Da Pós-Graduação em Arte da Universidade de Brasília, 2007. p.11-18.

### Livro

MILLER, Jussara Corrêa. **Escuta do corpo: abordagem da sistematização da técnica Klauss Vianna**. Mestrado em Artes. Unicamp, 2005.

STANISLAVSKY, Konstantin. A preparação do Ator. Bibliotrónica Portuguesa Lisboa 2016.

STRAZZACAPPA, Márcia. **A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola**. Caderno Cedes n. 53, Dança-Educação. Unicamp, abril 2001.

### Texto da internet

FERNANDES, Ciane. **Entre Escrita Performativa e Performance Escrita: O local da Pesquisa em Artes Cênicas com Encenação**. 2008 Disponível em <<http://www.ufrgs.br/difusaocultural/adminmalestar/documentos/arquivo/Abrace%202008%20Ciane%20Fernandes%20Revisado.pdf>> Acesso em 26 de jun. de 2018

SANTOS, Jossiane Soares. O lúdico na educação infantil. *In IV FIPED - Fórum Internacional de Pedagogia*. Campina Grande, Realize Editora, 2012. Disponível em: <<http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/ludico.pdf>>

